



Ethnobotanical knowledge in the Quilombo Castainho, Garanhuns – Pernambuco

Conhecimento etnobotânico no quilombo do Castainho, Garanhuns – Pernambuco

NUNES, Alissandra Trajano⁽¹⁾; LIMA, Roberta Santos de⁽²⁾

⁽¹⁾ 0000-0001-8830-3599; Universidade de Pernambuco, Campus Garanhuns, R. Cap. Pedro Rodrigues, São José, PE, 55294-902, Garanhuns, PE, Brasil. alissandra.nunes@upe.br

⁽²⁾ 0000-0001-7283-4109; - Universidade de Pernambuco – UPE, Campus, Garanhuns, PE, Brasil. roberta.santoslima@upe.br

conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos/as seus/as autores/as.

ABSTRACT

The quilombola communities are distributed throughout Brazil, living on subsistence activities such as agriculture and livestock. The study of these populations contributes to the recording of knowledge, culture and associated biodiversity. The present work aimed to analyze the knowledge about the diversity of useful plants of Castainho, Garanhuns–Pernambuco. The research was conducted through semi-structured interviews, associated with the guided tour technique, which consists of collecting the species mentioned with the help of a local specialist, after collect the plants were dried in a 40° C greenhouse, prepared in exsiccates and taken for identification. The data from the interviews were categorized in Excel. Statistical analyses were performed in the Bioestat 5.3 software. As a result, 64 people participated between men (25%) and women (75%). The age range of the informants ranged from 18 to 91 years, with a higher frequency in the range of 47 to 57, age in which there was a greater number of citations. We recorded 158 ethnospecies arranged in 68 botanical families composed of native (40%) and exotic (60%) species indicated mainly as food and medicinal. The territorial fragmentation of the community and the real estate expansion in its surroundings are factors associated locally with the reduction of diversity, which may justify the lower rate of native plants. The lack of interest among the younger ones and the forgetfulness reported by the elderly may compromise the transmission of knowledge. Women have a strong participation in the maintenance of traditional practices They constitute a way to strengthen biocultural relations in Castainho.

RESUMO

As comunidades quilombolas estão distribuídas em todo território brasileiro, vivendo de atividades de subsistência como agricultura e pecuária. O estudo dessas populações contribui para o registro dos saberes, da cultura e biodiversidade associada. O presente trabalho objetivou analisar o conhecimento sobre a diversidade de plantas úteis do Castainho, Garanhuns – Pernambuco. A pesquisa foi conduzida por meio de entrevistas semiestruturadas, associada a técnica da turnê-guiada que consiste em coletar as espécies citadas com ajuda de um especialista local. Após coleta as plantas, foram secas em estufa a 40°C, preparadas em exsiccatas e levadas para identificação. Os dados das entrevistas foram categorizados no Excel. Análises estatísticas foram realizadas no software Bioestat 5.3. Como resultado, 64 pessoas participaram entre homens (25%) e mulheres (75%). A faixa etária dos informantes variou de 18 a 91 anos, com maior frequência na faixa de 47 a 57, idade em que houve maior número de citações. Foram registradas 158 etnoespécies dispostas em 68 famílias botânicas compostas por espécies nativas (40%) e exóticas (60%) indicadas principalmente como alimento e medicinal. A fragmentação territorial da comunidade e a expansão imobiliária no seu entorno são fatores associados localmente a redução da diversidade, o que pode justificar o menor índice de plantas nativas. A falta de interesse entre os mais jovens e o esquecimento relatado pelos idosos podem comprometer a transmissão do conhecimento. As mulheres possuem forte participação na manutenção das práticas tradicionais Elas constituem um caminho para fortalecer as relações bioculturais no Castainho.

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Histórico do Artigo:

Submetido: 21/12/2022

Aprovado: 02/02/2023

Publicação: 21/10/2023



Keywords:

Ethnobotany, Traditional communities, Afrodescendant, Popular knowledge, Northeast Brazil

Palavras-Chave:

Etnobotânica, Comunidades tradicionais, Afrodescendente, Conhecimento popular, Nordeste do Brasil

Introdução

A população brasileira é formada por várias etnias, a exemplo dos indígenas, quilombolas, ribeirinhos entre outras que se relacionam com os recursos ecossistêmicos, cada uma com suas histórias, culturas e saberes transmitidos por gerações. Essa diversidade forma um mosaico cultural e biológico enriquecedor para o país (SBPC, 2022). Todavia, a interferência de fatores externos como a globalização e a urbanização têm provocado mudanças no ambiente e no modo de vida dessas populações (Vandebroek e Balick, 2012; Faria e Albuquerque, 2018). A exemplo da redução da vegetação nativa que cresce a cada dia, impactando diretamente na biodiversidade e nos saberes associados ao patrimônio genético.

Entre as populações tradicionais, os quilombolas, de origem Africana são reconhecidos por sua dura trajetória e resistência a fortes opressões oriundas do regime escravocrata (CONAQ, 2022), o qual gerou consequências que reincidem em suas vidas até os dias atuais. Nesse contexto, uma das dificuldades do grupo é garantir o direito a posse de terras e junto a isso manter condições mínimas de qualidade de vida (CPISP, 2019; CONAQ, 2022). Ao todo, registram-se de 3 a 5 mil, comunidades quilombolas em 24 estados brasileiros (CPISP, 2019; Fundação Palmares, 2019). Ocupando tanto áreas urbanas quanto rurais, muitos desses grupos vivem da agricultura e da pecuária de subsistência e em suas terras estabelecem bases para a manutenção dos costumes e hábitos ligados ao manejo da terra (Pereira e Magalhães, 2023).

A forma dessas populações se relacionarem com os recursos naturais, tem sido objeto de estudo da Etnobotânica (Gomes e Bandeira, 2012; Mota e Dias, 2012; Oliveira, 2015; Ávila et al., 2015; Beltreschi et al., 2019; Santos et al., 2019), ressaltando os efeitos da urbanização e da perda da biodiversidade nos hábitos de vida dessas pessoas.

Na região nordeste as pesquisas sobre os quilombolas abordam as relações de uso e conhecimento sobre as plantas alimentícias e medicinais, ademais esse conhecimento pode variar em função do gênero e da idade (Mota e Dias, 2012; Oliveira, 2015; Lisboa et al. 2017). Os quilombolas passam por muitas dificuldades econômicas e sociais impactando nas suas condições de saúde e qualidade de vida. Zank et al. (2016) relataram que os recursos naturais proporcionam a base terapêutica para essas populações, destacando a importância do meio ambiente no contexto dos cuidados com a saúde. Nesse sentido, Silvestre e Nunes (2022) constataram a importância dos recursos naturais no itinerário terapêutico de tratamento e cura de doenças no quilombo do Castainho.

O Castainho é um quilombo originado no século XVII pelos sobreviventes do Zumbi dos Palmares (Mélo, 2018), a comunidade sofre influência direta da expansão territorial e das proximidades do centro urbano, ocasionando a perda da biodiversidade, que em parte é preservado pelo cultivo de plantas nos quintais domésticos (Nunes e Duarte, 2021). Diante do

exposto, o presente trabalho objetivou analisar as relações de uso e conhecimento sobre as plantas do Castainho. De forma mais específica, registrar a diversidade de plantas úteis nativas e exóticas; suas respectivas formas de uso; identificar as espécies mais importantes, descrever o perfil socioeconômico e analisar o conhecimento entre as diferentes faixas etárias (jovens, adultos e idosos).

Metodologia

Caracterização da área de estudo

A cidade de Garanhuns (08° 50' 0"S e 36° 40' 0"W) está localizada no agreste pernambucano a aproximadamente 900 metros de altitude, com clima do tipo Köppen AW, temperatura média de 23°C e precipitação anual de 600 mm. O Castainho é uma das 11 comunidades quilombolas do município e a única com a titulação de terra (INCRA, 2012), situada a oito quilômetros de distância do centro da cidade, em uma área de transição entre a zona rural e urbana. A história do local está relacionada ao Quilombo dos Palmares, evidenciando sua importância na luta pela efetivação de seus direitos ao território (Santos, 2010). De acordo com o último senso (INCRA, 2012), registram-se cerca de 200 famílias que vivem da agricultura de subsistência com cultivo de feijão, milho, mandioca e hortaliças. E conta com uma escola municipal, igreja, cinco casas de farinha, uma associação de moradores, um posto de saúde e um Centro de Referência de Assistência Social. A principal atividade econômica do Castainho se dá pela produção de farinha, massa, goma de mandioca e beiju, que são comercializados na zona urbana de Garanhuns (Carneiro e Nichols, 2007).

Aspectos éticos

Foi realizada uma visita prévia à comunidade para apresentar a pesquisa e obter a carta de anuência. Em cumprimento aos requisitos éticos e legais das pesquisas envolvendo seres humanos (resolução nº 466/12 do CNS) o projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Pernambuco, sob o parecer número CAAE: 03411518.4.0000.5207.

Coleta e análise de dados etnobotânicos

A pesquisa ocorreu por meio de entrevistas semiestruturadas com os representantes de família que concordaram em participar. As informações foram categorizadas de acordo com as

indicações de uso e armazenadas no software Excel (Office 2013). Um banco de dados foi organizado contendo nomes científicos e locais, categorias de uso, parte utilizada, hábito das plantas e origem geográfica. Para avaliar a relação entre as classes de idade e o conhecimento, utilizou-se o teste de Kruskal-Wallis no software Bioestat 5.3 (AYRES e AYRES, 2007). Para calcular o valor de uso, foi empregada a técnica sugerida por Phillips e Gentry (1993a, 1993b), modificada por Rossato (1999), $VU = \Sigma U/n$, onde, VU = Valor de Uso, U = número de citações da etnoespécie por informante, n=número de informantes que citaram a etnoespécie. A importância de uma espécie vegetal é dada pelo número de usos que ela apresenta, o que indica então a sua importância diante da concordância entre os informantes.

Coleta de material botânico

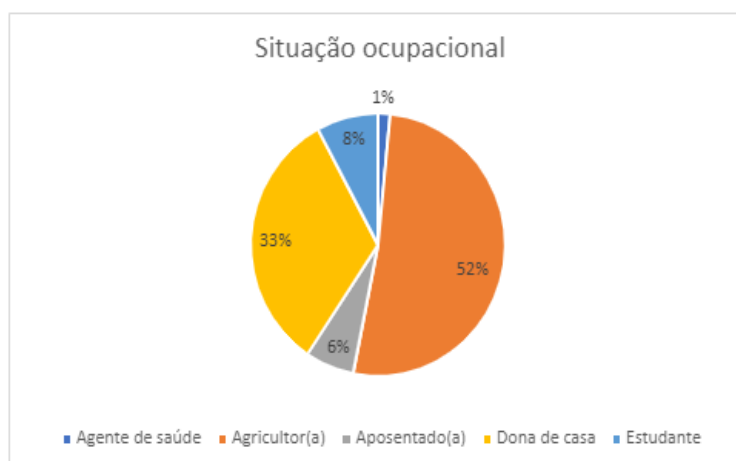
O material botânico foi coletado por meio da técnica de turnê-guiada que consiste na coleta realizada na companhia de um especialista local (Albuquerque et al., 2014). Para identificação botânica foram coletadas amostras em estado fértil (em triplicata), prensadas ainda em campo e levadas para secagem em estufa a 50° C por 48 horas. As exsiccatas foram fixadas em folhas de papel 40Kg, identificadas com ajuda de especialistas do Herbário do Instituto Agrônomo de Pernambuco (IPA). A nomenclatura, autoria, origem e hábito das espécies foram baseadas no banco de dados do Jardim Botânico do Rio de Janeiro REFLORE - Plantas do Brasil: Resgate Histórico e Herbário Virtual para o Conhecimento e Conservação da Flora Brasileira (Forzza et al., 2020).

Resultados e Discussão

Perfil sócio econômico e conhecimento etnobotânico

Participaram 64 representantes de família, os demais visitados (42) não quiseram participar ou não souberam responder as perguntas. Do total de entrevistados foram 25% homens e 75% mulheres, com idade variando de 18 a 91 anos (média 43, desvio padrão 16) (Figura 1), todos nascidos na região. Os homens, na maioria, são os provedores do lar, uns trabalham na agricultura local, outros em atividades fora da comunidade, razão que contribuiu para o baixo índice de participação do gênero nas entrevistas. Já as mulheres, se alternam entre as atividades domésticas (33%) e agrícolas (52%) como o cultivo do milho, feijão e mandioca, além das plantas manejadas nos quintais (Figura 1).

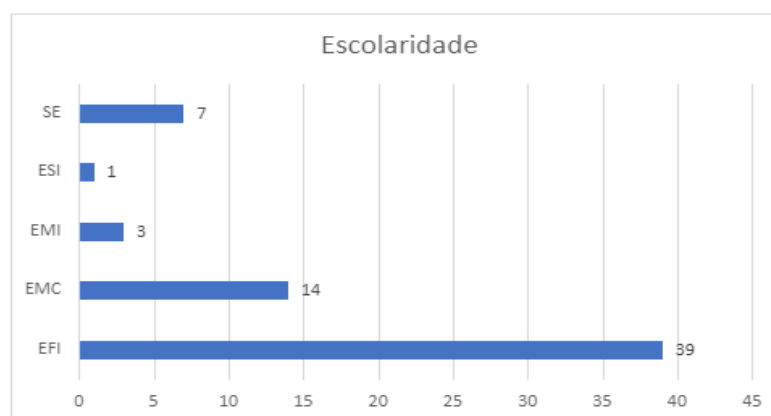
Figura 1. Distribuição das atividades desempenhadas pelos os entrevistados da comunidade do Castainho, Garanhuns-PE.



Fonte: as autoras (2021)

A maioria (39) dos informantes, possui ensino fundamental incompleto (Figura 2), pois os jovens, abandonam cedo os estudos para ajudar nas obrigações familiares, sobretudo na complementação da renda. Situação que se repete em outras comunidades quilombolas (Ávila et al., 2015). No Castainho a escola municipal oferece o EJA – Escola para Jovens e Adultos - estimulando a formação de pessoas que perderam a chance de concluir a formação básica no período regular, contribuindo para o retorno de jovens e adultos aos estudos.

Figura 2. Dados da escolaridade dos entrevistados da comunidade do Castainho, Garanhuns-PE.



Fonte: as autoras (2021)

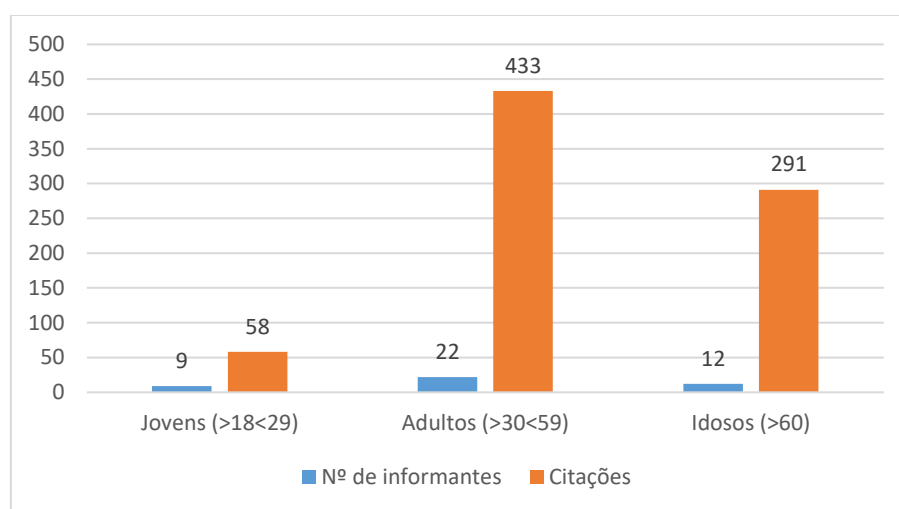
Legenda: EFI: Ensino Fundamental Incompleto, EMI: Ensino Médio Incompleto, EMC: Ensino Médio Completo, ESI: Ensino Superior Incompleto, SE: Sem escolaridade.

A relação de idade e conhecimento apresentou correlação significativa entre as faixas etárias adultos e idosos ($H=9.080e$ $p<0,01$), já os jovens, citaram poucas espécies, portanto não houve correlação significativa, eles afirmaram categoricamente não ter interesse em aprender sobre as práticas tradicionais de uso de plantas, embora usem com orientação das

mães ou avós. Na classe dos idosos (>60 anos), observou-se um declínio no número de citações com relação aos adultos (Figura 3). Durante as entrevistas os informantes dessa faixa etária afirmaram que devido a redução das atividades de uso, manejo e acesso aos recursos vegetais, estão esquecendo as informações. Esse é um relato interessante e que diverge de outros contextos, onde os especialistas locais, concentram-se entre pessoas mais velhas (Silva et al. 2011; Oliveira, 2015; Ávila et al., 2015; Guimarães et al., 2019).

Figura 3.

Somatório das citações nas diferentes faixas etárias da população estudada na comunidade do Castainho, Garanhuns-PE



Fonte: as autoras (2021)

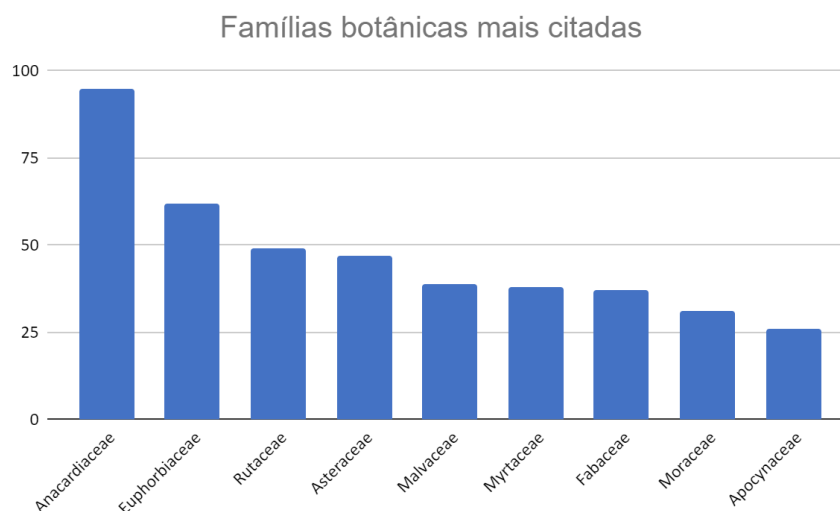
Analisando a questão de gênero, se constatou que a função das mulheres no Castainho é bem marcante no que diz respeito a manutenção das práticas tradicionais, como uso das plantas para tratar as doenças e a manutenção das atividades culturais. Silvestre e Nunes (2022) afirmaram que as mulheres dominam os cuidados com a saúde da família e dos itinerários terapêuticos, garantindo o uso das plantas medicinais. Suas ações ocorrem através do grupo “Guerreiras Quilombolas”, o qual resgatam as suas matrizes, lutam pelos seus direitos e empoderamento do gênero. O papel social das mulheres nas comunidades quilombolas está diretamente associado aos cuidados com a alimentação e saúde dos familiares (Löbler et al., 2014; Guimarães, 2019; Farias et al., 2021). Elas também são atuantes no contexto de uso e manejo das plantas em diferentes comunidades do país (Ceolin et al., 2011; Guedes, 2018; Farias et al., 2021), fato que merece destaque, pois simbolizam a resistência feminina as pressões externas e internas na manutenção das práticas tradicionais.

Plantas úteis no Castainho

Foram registradas 782 citações para 158 espécies (sendo 10 identificadas em nível de gênero), distribuídas em 64 famílias das quais, destacaram-se, Anacardiaceae, Euphorbiaceae, Rutaceae e Asteraceae como as mais representativas (Figura 4) indicando uma considerável diversidade de plantas úteis. As espécies mais frequentes foram as alimentícias, *Persea americana* Mill., *Mangifera indica* L., *Anacardium occidentale* L., *Citrus sinensis* (L.) Osbeck, *Eremanthus erythropappus* (DC.) MacLeish e *Ruta graveolens* L.

Figura 4.

Distribuição das famílias mais citadas pelos entrevistados da comunidade do Castainho, Garanhuns-PE



Fonte: as autoras (2021)

As plantas úteis foram agrupadas em 10 categorias (Tabela 1), sendo o maior percentual de espécies (52%) apresentando apenas um uso, as mais versáteis, com dois e três usos, tiveram respectivamente 37% e 10% das indicações. Dessas, destacam-se as alimentícias e medicinais, conhecidas por suas múltiplas funções, com valor alimentício e medicinal. As plantas multifuncionais vem sendo relatadas nas pesquisas etnobiológicas, recentemente Prada et al. (2022) registraram 43 espécies alimentícias com função medicinal no Castainho, retratando a importância dessa relação de uso no tratamento de doenças locais, atenção básica e nutricional, sobretudo para as crianças que vivem em situação de vulnerabilidade social na comunidade. Dado de extrema importância por proporcionar segurança alimentar, atenção à saúde da população e valorização cultural dos quilombolas (Motta e Dias, 2012; Diniz, 2019).

As alimentícias também são comercializadas nas feiras do centro da cidade, a exemplo das hortaliças e derivados da mandioca, o que favorece a microeconomia familiar, estimula a manutenção da agrobiodiversidade e assegura as relações culturais (Willis, 2017). Nessa categoria, destacam-se pelo valor de uso (VU) *Mangifera indica* L. (VU = 1,468), *Anacardium occidentale* L. (VU = 1,203), *Artocarpus heterophyllus* Lam. (VU=0,89) e *Persea americana* Mull. (0,69), plantas arbóreas cultivadas nos quintais também associadas a produção de sombra, que aliás é um critério que influencia a escolha das espécies cultivadas nos quintais, uma vez que estas ajudam a melhorar o microclima (Florentino et al., 2007; Silva et al., 2017).

Entre as espécies medicinais mais citadas, destacaram pelo V.U. a *Psidium guajava* L. (0,64) *Ruta graveolens* L. (0,31) e *Schinus terebinthifolia* Raddi. (0,21). No geral, as plantas medicinais são usadas nos cuidados básicos com a saúde, preferencialmente para tratar sintomas frequentes como problemas do trato digestório, inflamações, gripes e resfriados. Segundo Silvestre e Nunes (2022), no Castainho, as pessoas recorrem as Unidades Básicas de Saúde (UBS) e hospitais para tratar casos de doenças crônicas e casos que envolvem risco de vida. As autoras relatam ainda que as doenças mais comuns (gripe, resfriados, diarreia) são tratadas localmente com plantas medicinais e nos casos de tratamento medicamentos pode ocorrer associação entre a forma tradicional e biomédica

A utilização dos recursos vegetais ajuda no tratamento de doenças e na manutenção da saúde, sendo uma prática que ainda se mantém em várias sociedades, o que evita o deslocamento até os centros urbanos onde são oferecidos os serviços da medicina tradicional (Ferreira et al., 2015; Costa et al., 2016; Cardoso et al., 2018; Durand, 2020). Para Gomes e Bandeira (2012), o uso de plantas terapêuticas nas práticas médicas pode estar associado a questões culturais, econômicas, biológicas ou pela dificuldade de acesso à medicina convencional.

A categoria místico-religiosa é comum nas populações Afrodescendentes, no Castainho foram citadas espécies como *Jatropha gossypifolia* L., *Borreria verticillata* (L.) G. Mey e *Ruta graveolens* L., para rezas e benzeduras contra mau-olhado. Essas plantas também são mantidas na frente das casas e nos quintais, no intuito de afastar “mau-olhado”. Além de serem amplamente utilizadas nos rituais religiosos, como amuletos de sorte, proteção e para trazer bons presságios (Silva e Andrade, 2005; Diniz, 2019).

As ornamentais têm importância quanto ao aspecto estético das residências e no bem estar das famílias com destaque a *Catharanthus roseus* (L.) G. Don, *Hibiscus rosa-sinensis* L., *Malvaviscus arboreus* Cav., *Bauhinia forficata* Link, *Tecoma stans* (L.) Juss. Ex Kunth, essas também encontram-se compondo as cercas vivas. No uso artesanal, *Cocos nucifera* L. e *Musa* sp., foram indicadas para fazer abanos e balaios e ainda a *Sida tuberculata* R.E.Fr., na confecção de vassouras e outros objetos artesanais. O uso forragem teve pouca indicação,

destacando-se *Manihot esculenta* Crantz e *Digitaria Haller*, a criação de animais é pouco praticada, com registro de animais em apenas duas propriedades.

Tabela 1.

Lista das espécies citadas como úteis pela população do Castainho, Garanhuns-PE, 2020.

FAMÍLIA	ESPÉCIE	NP	USOS	ORIGEM	HÁB	VU
Amaranthaceae	<i>Beta vulgaris</i> L.	Beterraba	9	E	Herb	0,015
	<i>Celosia argentea</i> L.	Crista-de-galo	1	E	Herb	0,015
	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Ave Maria/ Mastruz	4 e 8	N	Herb	0,031
Amaryllidaceae	<i>Hippeastrum puniceum</i> (Lam.) Kuntze	Amarílis	1	N	Arb	0,015
	<i>Narcissus</i> sp.	Narciso	1	-	Herb	0,015
Anacardiaceae	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Caju	2, 3 e 9	N	Arv	1.203
	<i>Mangifera indica</i> L.	Manga	2, 3 e 9	E	Arv	1.468
	<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi.	Aroeira	3 e 8	N	Arv	0,218
	<i>Spondias purpurea</i> L.	Siriguela	2, 3 e 9	E	Arb	0,5
	<i>Spondias tuberosa</i> Arruda	Umbu	3 e 9	N	Arv	0,062
	Annonaceae	<i>Annona cherimola</i> Mill.	Atemoia	3 e 9	E	Arb
<i>Annona muricata</i> L.		Graviola	3 e 9	E	Arb	0,062
<i>Annona squamosa</i> L.		Pinha	3 e 9	N	Arb	0,25
Apiaceae	<i>Angelica archangelica</i> L.	Angélica	1	E	Herb	0,015
	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Erva-doce	1 e 8	E	Herb	0,062
Apocynaceae	<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G. Don	Boa noite	1	E	Herb	0,26
	<i>Hoya carnosa</i> (L.f.) R.Br.	Flor-de-cera	1	E	Arb	0,015
	<i>Nerium oleander</i> L.	Espirradeira	1	E	Arb	0,015
	<i>Plumeria rubra</i> L.	Jasmim manga	1	E	Herb	0,093
Araceae	<i>Anthurium andraeanum</i> Linden ex André	Antúrio	1	E	Herb	0,109
	<i>Dieffenbachia seguine</i> (Jacq.) Schott.	Comigo-ninguém-pode	1	N	Herb	0,123
	<i>Philodendron</i> sp.	Imbé	1	N	Herb	0,015
	<i>Xanthosoma taioba</i> E.G.Gonç.	Taioba	4	N	Herb	0,031
	<i>Zantedeschia aethiopica</i> (L.) Spreng.	Copo-de-leite	1	E	Herb	0,015
	Areaceae	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coqueiro	4 e 9	E	Arv
<i>Dypsis lutescens</i> (H.Wendl.) Beentje & J.Dransf.		Palmeira	1	E	Arv	0,046
<i>Syagrus comosa</i> (Mart.) Mart.		Coco catolé	4 e 9	N	Arv	0,031
Asparagaceae	<i>Agave americana</i> L.	Agave	1	E	Herb	0,015
	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	Babosa	1 e 8	N	Herb	0,092
	<i>Asparagus scandens</i> Thunb.	Alfinete	1	N	Herb	0,015

	<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain	Espada-de-são-jorge	1	E	Herb	0,169
Asphodelaceae	<i>Haworthia attenuata</i> (Haw.) Haw.	Rabo-de-tatu	1	E	Herb	0,015
Asteraceae	<i>Centaurea benedicta</i> (L.) L.	Cardo santo	8	E	Arb	0,015
	<i>Dahlia pinnata</i> Cav.	Dália	1	E	Trep	0,14
	<i>Helianthus annuus</i> L.	Girassol	1 e 5	E	Arb	0,062
	<i>Leucanthemum vulgare</i> Lam.	Margarida	1	N	Arb	0,015
	<i>Tagetes erecta</i> L.	Cravo-de-defunto	1	E	Herb	0,138
	<i>Tithonia diversifolia</i> (Hemsl.) A.Gray	Girassol	1	N	Herb	0,076
	<i>Zinnia elegans</i> Jacq.	Benedita/Canela-de-velho	1	E	Arb	0,046
	<i>Eremanthus erythropappus</i> (DC.) MacLeish	Candeeiro	2 e 5	N	Arv	0,265
Balsaminaceae	<i>Impatiens</i> sp.	Beijo	1	N	Arb	0,031
Begoniaceae	<i>Begonia elatior</i> Steud.	Begônia	1	N	Herb	0,015
Bignoniaceae	<i>Tabebuia alba</i> (Cham.) Sandwith	Ipê amarelo	1	N	Arv	0,015
	<i>Tecoma stans</i> (L.) Juss. Ex Kunth	Ipêzinho	1	E	Arb	0,076
Boraginaceae	<i>Varronia leucocephala</i> (Moric.) J.S.Mill.	Moleque-duro	5 e 8	N	Arb	0,062
	<i>Heliotropium indicum</i> L.	Cravo-de-urubu	1	N	Herb	0,015
Bromeliaceae	<i>Alcantarea imperialis</i> (Carrière) Harms	Bromélia	1	N	Arb	0,015
	<i>Ananas comosus</i> (L.) Merril	Abacaxi	9	N	Herb	0,062
Cactaceae	<i>Cereus jamacaru</i> DC.	Mandacaru	1	N	Arv	0,093
	<i>Melocactus zehntneri</i> (Britton & Rose) Luetzelb	Coroa-de-frade	1 e 8	N	Subarb	0,078
	<i>Pereskia aculeata</i> Mill.	Ora-pro-nóbis	1	N	Trep	0,015
	<i>Selenicereus anthonyanus</i> (Alexander) D.R.Hunt	Sianinha	1	E	Arb	0,015
	<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	3 e 9	E	Arb	0,25
Caryophyllaceae	<i>Dianthus caryophyllus</i> L.	Cravo branco	1	E	Herb	0,109
	<i>Dianthus chinensis</i> L.	Cravina	1	N	Arb	0,015
Combretaceae	<i>Terminalia catappa</i> L.	Castanhola	3	E	Arv	0,062
Convolvulaceae	<i>Operculina macrocarpa</i> (L.) Urb.	Batata-de-purga	1	N	Trep	0,015
Crassulaceae	<i>Kalanchoe blossfeldiana</i> Poelln.	Calanchoe	1	E	Herb	0,015
	<i>Sedum morganianum</i> E.Walther	Rabo-de-burro	1	N	Herb	0,03
Cucurbitaceae	<i>Lagenaria vulgaris</i> (Molina) Standl.	Cabaça	4	E	Herb	0,031
	<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw.	Chuchu	3, 8 e 9	E	Trep	0,046
Cyperaceae	<i>Cyperus alternifolius</i> L.	Sombrinha	1	E	Herb	0,015

Dilleniaceae	<i>Davilla rugosa</i> Poir.	Cipó	4	N	Trep	0,062
Dipsacaceae	<i>Scabiosa atropurpurea</i> L.	Saudade	1	E	Arb	0,046
Ericaceae	<i>Rhododendron indicum</i> var. <i>simsii</i> (Planch.) Maxim.	Azaleia	1	E	Arb	0,015
Euphorbiaceae	<i>Codiaeum variegatum</i> (L.) Rumph. ex A.Juss.	Cróton	1	E	Arb	0,14
	<i>Euphorbia milii</i> Des Moul.	Bem casado	1	E	Arb	0,015
	<i>Euphorbia tirucalli</i> L.	Avelós	1	E	Arb	0,015
	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Pinhão-roxo	7	N	Arb	0,484
	<i>Julocroton humilis</i> var. <i>genuinus</i> Mart.	Sacatinga	2	N	Arb	0,031
	<i>Manihot esculenta</i> Crantz.	Mandioca	6 e 9	N	Arb	0,25
	<i>Ricinus communis</i> L.	Carrapateira/M amona	7 e 8	E	Arb	0,171
Fabaceae	<i>Bauhinia cheilantha</i> (Bong.) Steud.	Pata-de-vaca	10	N	Arv	0,062
	<i>Caesalpinia echinata</i> Lam.	Pau-Brasil	3	N	Arv	0,015
	<i>Caesalpinia</i> <i>pyramidalis</i> Tul.	Catingueira	2 e 5	N	Arv	0,031
	<i>Calliandra</i> <i>haematocephala</i> Hassk.	Caliandra	1	E	Herb	0,015
	<i>Libidibia ferrea</i> (Mart. ex Tul.) L.P.Queiroz	Pau ferro	5	N	Arv	0,015
	<i>Mimosa</i> <i>caesalpinifolia</i> Benth.	Sabiá	5	N	Arb	0,031
	<i>Mimosa tenuiflora</i> (Wild.) Poir.	Jurema	5	N	Arb	0,312
	<i>Phaseolus lunatus</i> L.	Feijão	9	E	Trep	0,015
	<i>Piptadenia stipulacea</i> (Benth.) Ducke	Jurema branca	5	N	Arb	0,8
	<i>Prosopis juliflora</i> (Sw.) DC.	Algaroba	5 e 6	E	Arv	0,046
	<i>Pterodon emarginatus</i> Vogel.	Sucupira	1 e 3	N	Arv	0,109
	<i>Vicia faba</i> L.	Fava	9	E	Herb	0,015
	Não identificada	Canzenzo	5	N	Arv	
Geraniaceae	<i>Pelargonium zonale</i> (L.) L' Hér.	Gerânio	1	E	Herb	0,076
Gesneriaceae	<i>Saintpaulia ionantha</i> H.Wendl.	Violeta	1	E	Herb	0,015
Hydrangeaceae	<i>Hydrangea</i> <i>macrophylla</i> (Thunb.) Ser.	Hortênsia	1	E	Arb	0,062
Lamiaceae	<i>Melissa officinalis</i> L.	Cidreira	8	E	Sub	0,031
	<i>Mentha spicata</i> L.	Hortelã	1	E	Herb	0,03
	<i>Mentha piperita</i> L.	Hortelã- pimenta	8	E	Herb	0,078
	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjeriço	1	E	Herb	0,092
	<i>Plectranthus barbatus</i> Andr.	Boldo	5 e 8	E	Sub	0,015
	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	1 e 8	E	Sub	0,046
Lauraceae	<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate	2,3 e 9	E	Arv	0,692

Liliaceae	<i>Lilium candidum</i> L.	Cajado de São José	1	E	Herb	0,046
	<i>Lilium</i> sp.	Lírio	1	E	Herb	0,046
Lythraceae	<i>Punica granatum</i> L.	Romã	3 e 8	E	Arv	0,031
Malpighiaceae	<i>Byrsonima crassifolia</i> (L.) Kunth	Murici	2 e 5	N	Arv	0,015
	<i>Malpighia glabra</i> L.	Acerola	3 e 9	E	Arb	0,593
Malvaceae	<i>Hibiscus rosa-sinensis</i> L.	Hibisco	1	E	Arb	0,281
	<i>Malva</i> sp.	Malva	1	E	Arb	0,015
	<i>Malvaviscus arboreus</i> Cav.	Malvavisco/ papoula	1 e 5	E	Arb	0,375
	<i>Sida tuberculata</i> R.E.Fr.	Vassourinha	7	N	Herb	0,046
	<i>Theobroma cacao</i> L.	Cacau	3 e 9	E	Arv	0,015
Moraceae	<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	Jaca	3 e 9	E	Arv	0,89
	<i>Morus nigra</i> L.	Amora	3 e 9	E	Arv	0,015
Musaceae	<i>Musa paradisiaca</i> L.	Banana	3, 4 e 9	E	Herb	0,484
Myrtaceae	<i>Eucalyptus globulus</i> Labill.	Eucalipto	3	E	Arv	0,046
	<i>Eugenia speciosa</i> Cambess.	Laranjinha	4	N	Arv	0,015
	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	3 e 9	N	Arv	0,171
	<i>Myrcia tomentosa</i> (Aubl.) DC.	Goiabinha	2	N	Arb	0,015
	<i>Myrciaria cauliflora</i> (Mart.) O. Berg	Jabuticaba	3 e 9	N	Arv	0,093
	<i>Psidium cattleianum</i> sabine	Araçá	3, 8 e 9	N	Arv	0,156
	<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba	3, 8 e 9	E	Arv	0,64
	<i>Syzygium</i> sp.	Azeitona	9	E	Arv	0,015
	<i>Syzygium jambos</i> (L.) Alston	Jambo	3 e 9	E	Arv	0,062
Nephrolepidaceae	<i>Nephrolepis obliterata</i> (R.Br.) J.Sm.	Samambaia	1	E	Herb	0,015
Nyctaginaceae	<i>Bougainvillea spectabilis</i> Willd.	Três-marias	1	N	Trep	0,031
Orchidaceae	<i>Phalaenopsis</i> sp.	Orquídea	1 e 3	E	Herb	0,031
	<i>Spathoglottis plicata</i> Blume	Orquídea grapete	1	E	Herb	0,046
Oxalidaceae	<i>Averrhoa carambola</i> L.	Carambola	3 e 9	E	Arv	0,031
Passifloraceae	<i>Passiflora edulis</i> Sims	Maracujá	3, 8 e 9	N	Trep	0,046
Phytolaccaceae	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Guiné	1	E	Sub	0,03
Pinaceae	<i>Pinus</i> sp.	Pinheiro	3	E	Arv	0,015
Poaceae	<i>Brachiaria fasciculata</i> (Sw.) Parodi	Braquiária	6	E	Herb	0,015
	<i>Cenchrus tribuloides</i> L.	Carrapicho	1	N	Herb	0,015
	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Capim santo	8	E	Herb	0,031
	<i>Digitaria eriantha</i> Steud.	Pangola	6	E	Herb	0,015
	<i>Digitaria</i> sp.	Capim	6	N	Herb	0,171
	<i>Saccharum officinarum</i> L.	Cana	3 e 6	E	Herb	0,015

	<i>Zea mays</i> L.	Milho	6 e 9	E	Herb	0,187
Portulacaceae	<i>Portulaca grandiflora</i> Hook.	Onze-horas	1	N	Herb	0,046
Pteridaceae	<i>Adiantum</i> sp.	Avenca?	1	N	Herb	0,015
Ranunculaceae	<i>Aconitum napellus</i> L.	Acônito	7	E	Herb	0,015
Rosaceae	<i>Crataegus laevigata</i> (Poir.) DC.	Espinheiro	2	E	Arv	0,015
	<i>Prunus domestica</i> L.	Ameixa	2, 8 e 9	E	Arv	0,093
	<i>Rosa chinensis</i> Jacq.	Rosinha	1	E	Arb	0,03
	<i>Rosa</i> sp.	Rosa	1	E	Sub	0,184
	<i>Rubus rosifolius</i> Sm	Amora-vermelha	1 e 8	N	Sub	0,203
	<i>Spiraea chamaedryfolia</i> L.	Buquê-de-noiva	1	E	Arb	0,015
Rubiaceae	<i>Borreria verticillata</i> (L.) G. Mey.	Vassourinha-de-botão	7	N	Herb	0,281
	<i>Coffea arabica</i> Benth	Café	2 e 9	E	Arb	0,125
Rutaceae	<i>Citrus limon</i> (L.) Osbeck	Limão	3, 8 e 9	E	Arv	0,5
	<i>Citrus sinensis</i> (L.) Osbeck	Laranja	3 e 9	E	Arv	0,515
	<i>Hortia brasiliana</i> Vand. ex DC.	Paratudo	1	N	Arb	0,015
	<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	7 e 8	E	Herb	0,312
Sapindaceae	<i>Cupania emarginata</i> Cambess.	Camboatã	4 e 5	N	Arb	0,031
	<i>Litchi chinensis</i> Sonn.	Lichia	3 e 9	E	Arv	0,031
	<i>Talisia esculenta</i> (Cambess.) Radlk.	Pitomba	3 e 9	N	Arv	0,437
Sapotaceae	<i>Manilkara inundata</i> (Ducke) Ducke	Maçaranduba	3	N	Arv	0,015
	<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Humb. ex Roem. & Schult.) T.D. Penn.	Quixaba	3, 8 e 9	N	Arv	0,046
Solanaceae	<i>Solanum paniculatum</i> L.	Jurubeba	2	N	Arb	0,015
Typhaceae	<i>Typha domingensis</i> Pers.	Taboa	4	N	Herb	0,031
Urticaceae	<i>Pilea microphylla</i> (L.) Liebm	Zezinho	1	E	Herb	0,015
Verbenaceae	<i>Duranta repens</i> L.	Pingo-de-ouro	1 e 3	E	Arb	0,046
Vitaceae	<i>Vitis</i> sp.	Uva	3 e 9	E	Trep	0,031
Zingiberaceae	<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B. L. Burt & R. M. Sm.	Colônia	1 e 8	E	Herb	0,046

Fonte: as autoras (2021)

Legenda para usos: 1. Ornamental, 2. Combustível, 3. Produção de sombra, 4. Artesanal, 5. Construção, 6. Forragem, 7. Místico-religioso, 8. Medicinal, 9. Alimentício, 10. Cerca viva. NP: nome popular; HAB: Hábito; VU: Valor de U

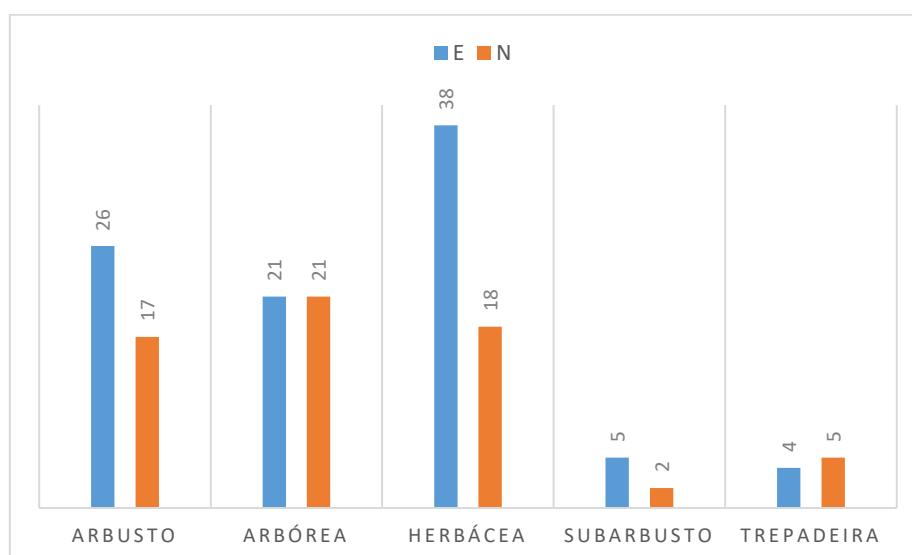
Analisando o hábito das espécies, as herbáceas correspondem as mais citadas, seguida das arbóreas (Figura 5). As cercas vivas representam a categoria que agrupa parte dos arbustos e as arbóreas são cultivadas ou mantidas nos quintais, no geral elas contribuem para o aspecto paisagístico e também para o microclima. Apesar da boa representação de espécies lenhosas, vale destacar que houve poucos registros de plantas para fins madeireiros (construção e

combustível), o que era esperado diante da fragmentação das unidades de paisagem que se dividem entre fazendas e loteamentos nas proximidades do Castainho. Segundo o líder comunitário, várias áreas foram desmatadas para dar espaço a expansão territorial, restando amostras da flora nativa nos quintais e em um pequeno fragmento remanescente florestal.

Quanto à origem das plantas, predominaram as exóticas (60%), com relação as nativas (40%), é comum a inclusão de espécies exóticas, sobretudo para fins ornamentais que ficaram representadas por 64 espécies, oriundas de parentes, amigos ou obtidas nas feiras.

Figura 5.

Total de plantas nativas e exóticas e a distribuição da origem de acordo com os hábitos das espécies identificadas na comunidade do Castainho, Garanhuns-PE



Fonte: as autoras (2021)

Considerações Finais

A população do Castainho possui um rico conhecimento sobre as plantas nativas e exóticas, com destaque aos usos alimentícias, medicinais e ornamentais. Ademais a inclusão de espécies exóticas é um processo comum nos quilombos, mas nas comunidades em estudo essa inclusão é facilitada pelas proximidades do centro urbano. Os recursos madeireiros estão escassos na comunidade, devido a fortes pressões de uso e ao desmatamento, segundo relatos dos mais idosos muitas espécies deixaram de existir na região e não há interesses em preservação, exceto de algumas plantas nativas mantidas nos quintais. Sobre o aspecto da conservação é necessário estudos voltados para o manejo dos recursos florestais.

O conhecimento local é influenciado pela idade, já a transmissão do saber pode estar fragilizada pela falta de interesse dos mais jovens e falhas de memória relatada pelos mais

velhos. O papel do gênero feminino é fundamental na manutenção das práticas tradicionais de uso e manejo das plantas. Aspecto relevante a ser considerado nas tomadas de decisão para favorecer a cultura local e a conservação das espécies. Através de suas ações, as mulheres estabelecem conexões bioculturais no Castainho e com isso reforçam as tradições entre as gerações.

Agredecimentos

A comunidade do Castainho em especial a todos os participantes da pesquisa e ao líder comunitário José Carlos.

REFERÊNCIAS

- Albuquerque, U. P., Lucena R. F. P. D., Freitas Lins Neto E. M. D. (2014). *Selection of research participants. In Methods and techniques in ethnobiology and ethnoecology* (pp. 1-13). Humana Press, New York, NY.
- Ayres, M. e Ayres, D. L. (2007). *Aplicações estatísticas nas áreas das ciências biológicas e médicas*. BioEstat (5.0), Belém, Pará, Brasil.
- Ávila, J. V. C., Mello, A. S. D., Beretta, M. E., Trevisan, R., Fiaschi, P., Hanazaki, N. (2017). Agrobiodiversity and in situ conservation in quilombola home gardens with different intensities of urbanization. *Acta Botânica Brasílica*, 31, pp. 1–10. <https://www.scielo.br/j/abb/a/MkMHjQLBmwK7szyZRT7ZgCf/?lang=en>
- Ávila, J. V. C.; Zank, S.; Valadares, K. M. de O.; Maragno, J. M.; Hanazaki, N. (2015). The traditional knowledge of Quilombola about plants: does urbanization matter? *Ethnobotany Research and Applications*, 14, pp.453- 462. <https://ethnobotanyjournal.org/index.php/era/article/view/1103>
- Beltreschi, L., Lima, R. B., Cruz, D. D. (2019). Traditional botanical knowledge of medicinal plants in a “quilombola” community in the Atlantic Forest of northeastern Brazil. *Environment, Development and Sustainability*, 21 (3), pp. 1185–1203. <https://www.researchgate.net/publication/322403915> [Traditional botanical knowledge of medicinal plants in a quilombola community in the Atlantic Forest of northeastern Brazil](https://www.researchgate.net/publication/322403915)
- Cardoso, C. S., Melo, L. O. de, Freitas, D. A. (2018). Health conditions in quilombola communities las condiciones de salud en las comunidades quilombola. *Revista de enfermagem*, 12 (4), pp. 1037-1045.
- Carneiro, A. F. T., Nichols, S. E. (2007). *Impactos sociais da mudança do referencial geodésico: o caso da demarcação do território quilombola Castainho*. II simpósio brasileiro de geomática, Presidente Prudente.
- Ceolin, T., Heck, R. M., Barbieri, R. L., Schwartz, E., Muniz, R. M., Pillon, C. N. (2011). Plantas medicinais: transmissão do conhecimento nas famílias de agricultores de base ecológica no Sul do RS. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 45 (1), pp. 47-54. <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/RhYtqkRwFSRDYBR6gGqZhxM/abstract/?lang=pt>
- CPISP - COMISSÃO PRÓ-ÍNDIO DE SÃO PAULO. (s.d.). Quilombolas no Brasil. Disponível em: <http://cpisp.org.br/direitosquilombolas/observatorio-terras-quilombolas/quilombolas-brasil/>. Acesso em: 01 out. 2019.
- CONAQ – Coordenação Nacional de Articulações das Comunidades Negras Rurais Quilombolas. (s.d.) Disponível em: <http://conaq.org.br/quem-somos/Acesso> em 15 de dezembro de 2022.

- Costa, J. C., Marinho, M. G. V. (2016). Etnobotânica de plantas medicinais em duas comunidades do município de Picuí, Paraíba, Brasil. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, 18 (1), pp. 125-134. <https://www.scielo.br/j/rbpm/a/JJSBqTZt7fxpQFMzCzkdXBP/abstract/?lang=pt>
- Diniz, R. F. (2019). Etnosaberes e culturas tradicionais afrobrasileiras: farmacopeia, magia e reprodução material e simbólica de comunidades quilombolas do vale do jequitinhonha-MG. *GEOgraphia*, 21 (47), pp. 14-28. <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/28178/23458>
- Durand, M. K., Heidemann, I. T. S. B. (2020). Saúde das mulheres quilombolas: diálogo com a literatura. *Revista Integrativa de Literatura*, 12, pp. 203-210. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1047752>
- Faria, J. L. M., Albuquerque, U. P. (2018) Como fatores socioeconômicos podem afetar o conhecimento de plantas medicinais? *Revista Brasileira de Meio Ambiente*, 3(1), pp. 33-36. <https://www.revistabrasileirademeioambiente.com/index.php/RVBMA/article/view/35/84>
- Farias, P. S. et al. (2021). Plantas medicinais utilizadas por mulheres em comunidades quilombolas do Recôncavo Baiano. *Research, Society and Development*, 10 (12), pp. 1-13. <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/19916/18287/249340>
- Ferreira, A. L. S., Batista, C. A. S., Pasa, M. C. (2015). Uso de plantas medicinais na comunidade quilombola mata cavalo em nossa senhora do livramento – MT, Brasil. *Biodiversidade*, 14 (1).pp. 151-160. <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/biodiversidade/article/view/2258>
- Forzza, R. C. Leitman, P. M., Costa, A., Carvalho Jr., A. A., Peixoto, A.L., Walter, B. M. T., Bicudo, C., Zappi, D., Costa, D. P., Lleras, E., Martinelli, G., Lima, H. C., Prado, J., Stehmann, J. R., Baumgratz, J. F. A., Pirani, J. R., Sylvestre, L. da S., Maia, L. C., Lohmann, L.G., Paganucci, L., Silveira, M., Nadruz, M., Mamede, M. C. H., Bastos, M. N. C., Morim, M. P., Barbosa, M. R., Menezes, M., Hopkins, M., Secco, R., Cavalcanti, T., Souza, V.C. (2010). *Catálogo de plantas e fungos do Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2010. 828p. Disponível em: <https://reflora.jbrj.gov.br/reflora>.
- Florentino, A. T. N., Araújo, E. L., Albuquerque, U. P. (2007). Contribuição de quintais agroflorestais na conservação de plantas da Caatinga, Município de Caruaru, PE, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, 21 (1): 37-47. <https://www.scielo.br/j/abb/a/vGhvWYtMPXwJptqZYwMJsdP/?lang=pt>
- Fundação Palmares, 2016. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/>. Acesso em 25 de março de 2022.
- Gomes, T. B., Bandeira, F. P. S. F. (2012). Uso e diversidade de plantas medicinais em uma comunidade quilombola no Raso da Catarina, Bahia. *Acta Botanica Brasilica*, 26 (4), pp. 796-809. <https://periodicos.unifap.br/index.php/biota/article/viewFile/2902/v7n3p57-68.pdf>
- Guedes, A. C. B. (2018). *Mulheres quilombolas e uso de plantas medicinais: práticas de cura em Santa Rita de Barreira/PA*. 203 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Universidade Federal do Pará, Belém. http://repositorio.ufpa.br/jspui/bitstream/2011/10283/1/Dissertacao_MulheresQuilombola_Uso.pdf
- Guimarães, B. O., Oliveira, A. P., Morais, I. L. (2019). Plantas medicinais de uso popular na comunidade quilombola de Piracanjuba - Ana Laura, Piracanjuba, GO. *Journal of Social, Technological and Environmental Science*, 8 (3), pp. 196-220. <http://periodicos.unievangelica.edu.br/index.php/fronteiras/article/view/3208>
- IN CRA. (2012) *Relatório Territórios Quilombolas*. Disponível em: <http://www.incra.gov.br/index.php/servicos/publicacoes/livros-revistas->

- ecartilhas/file/1195-relatorio-regularizacao-quilombolas-2012-incra. Acesso em: 20 de abril de 2021.
- Lima, M., Cavalcanti, L. H. C., Bergamasco, S. M. P. P. (2015). Potencial de uso de cercas vivas em assentamento rural: estudo de caso no assentamento Pitanga, Pernambuco, nordeste Brasileiro. *Retratos de Assentamentos*, 18 (1), pp. 291-318. <https://retratosdeassentamentos.com/index.php/retratos/article/view/191>
- Lisboa, M. S., Pinto, A. S., Barreto, P. A., Ramos, Y. J., Silva, M., Capputo, M., Almeida, M. Z. (2017). Estudo etnobotânico em comunidade quilombola Salamina/Putumujú em Maragogipe, Bahia. *Revista Fitos*, Rio de Janeiro, 11 (1), p.1-118.
- Löbler, L., Santos, D, Rodrigues, E. dos S., Zamberlan, N. R. dos S. (2014.) Levantamento etnobotânico de plantas medicinais no bairro Três de Outubro da cidade de São Gabriel, RS, Brasil. *Revista Brasileira de Biociências*, Porto Alegre 12 (2), pp. 81-89. <http://www.ufrgs.br/seerbio/ojs/index.php/rbb/article/view/2756>
- Mélo, C. F. T. (2018). Memórias e sentidos de natureza nas práticas educativas da comunidade quilombola Castainho/PE. Pp. 154 f. *Tese* (Doutorado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE. http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFS-2_57b7e4e030a9ad6108b0666c98ca6484
- Mota, R. S., Dias, H. M. (2012). Quilombolas e recursos florestais medicinais no sul da Bahia, Brasil. *Interações, Campo Grande* 13 (2). <https://www.interacoes.ucdb.br/interacoes/article/view/310>
- Nunes, A. T. e Duarte, C. H. C. (2021). Plantas úteis nos quintais da comunidade quilombola do Castainho, Garanhuns – Pernambuco. In: *Perspectivas teóricas e práticas das relações humanas com a natureza*. Orgs: Marcelo Alves Ramos, Washington Ferreira Júnio - Recife, PE: Edupe: pp. 154.
- Oliveira, L. R. (2015). Uso popular de plantas medicinais por mulheres da comunidade quilombola de Furadinho em Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. *Revista Verde de Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável*, Pombal 10 (3), pp. 25-31. <https://www.gvaa.com.br/revista/index.php/RVADS/article/view/3408>
- Pereira, A. S., Magalhães, L. (2023) A vida no quilombo: trabalho, afeto e cuidado nas palavras e imagens de mulheres quilombolas. **Interface (Botucatu)**. pp. 27 e210788 <https://doi.org/10.1590/interface.210788>
- Phillips, O., Gentry, A. H. (1993a.) The Useful Plants of Tambopata, Peru: I. Statistical Hypotheses Tests with a New. *Quantitative Technique*, 47 (1): 15-32. https://rainfor.org/upload/publication-store/1993/Phillips/Phillips_Gentry1993EconBot_quantitative1.pdf
- Phillips, O., Gentry, A. H. (1993b). The Useful Plants of Tambopata, Peru: II. Additional Hypothesis Testing in Quantitative Ethnobotany. *Quantitative Technique* 47 (1): 33-43. https://www.researchgate.net/publication/260048281_Phillips_OL_Gentry_AH_1993_The_useful_plants_of_Tambopata_Peru_II_Additional_hypothesis_testing_in_quantitative_ethnobotany_Economic_Botany_47_33-43
- Prada, M. de la C., Nunes, A. T., Oliveira, A. F. M. & Cavalcanti, L. H. (2022). Multifunctional plants used in the diet of Quilombolas in the Castainho Community (Garanhuns, Pernambuco). *Ethnobotany Research and Applications*, 24, 1–12. Retrieved from <https://ethnobotanyjournal.org/era/index.php/era/article/view/3879>
- Santos, J., Silveira, A., Gomes, V. (2019). Knowledge and use of the flora in a quilombola community of Northeastern Brazil. *Floresta e Ambiente*, 23 maio. 26 (3). https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2179-80872019000300108&tlng=en
- Santos, M. P. M. (2010). A comunidade de Castainho: uma contribuição aos estudos geográficos de remanescentes de quilombos em Garanhuns, Pernambuco. 2010. 135 f. *Dissertação* (Mestrado) - Programa de Pós- Graduação em Geografia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife. <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/6617>

- SBPC – Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. (2022). Povos tradicionais e biodiversidade no Brasil [recurso eletrônico]: *Contribuições dos povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais para a biodiversidade, políticas e ameaças* / Manuela Carneiro da Cunha, Sônia Barbosa Magalhães e Cristina Adams, organizadoras. – São Paulo.
Disponível em : <http://portal.sbpcnet.org.br/livro/povostradicionais16.pdf>
- Silva, A. J. R., Andrade, L.H.C. (2005). Etnobotânica nordestina: estudo comparativo da relação entre comunidades e vegetação na Zona do Litoral - Mata do Estado de Pernambuco, Brasil. *Acta Botânica Brasílica*, 19 (1): 45-60.
- Silva, F. S., Ramos, M.A., Hanazaki, N., Albuquerque, U.P. 2011. Dynamics of traditional knowledge of medicinal plants in a rural community in the Brazilian semiarid region. *Revista Brasileira de Farmacognosia* 21, pp. 382-391.
- Silva, P. H., Oliveira, Y. R, Abreu, M. C. (2017). Uma abordagem etnobotânica acerca das plantas úteis cultivadas em quintais em uma comunidade rural do semiárido piauiense, Nordeste do Brasil. *Journal of Environmental Analysis and Progress*, 2 (2), pp. 144–159.
- Silvestre, G. Z.; Nunes, A. T. (2022). Percepção de mulheres quilombolas sobre as doenças locais e formas de tratamentos. *Gaia Scientia*, 16 (2), pp. 58-71. DOI: 10.22478/ufrpb.1981-1268.2022v16n2.62383. Disponível em: <https://periodicos.ufrpb.br/index.php/gaia/article/view/62383>. Acesso em: 20 dez. 2022.
- Vandebroek, I., Balick, M. J. (2012). Globalization and Loss of Plant Knowledge: Challenging the Paradigm. *Plos one*, 7 (5).
<https://journals.plos.org/plosone/article?id=10.1371/journal.pone.0037643>
- Willis, K. J. (2017). *Estado das Plantas do Mundo*. Londres (Reino Unido): Royal Botanic Gardens, Kew; Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK464489/>
- ZANK, S.; ÁVILA, J. V. C1; HANAZAKI, N. (2016). Compreendendo a relação entre saúde do ambiente e saúde humana em comunidades Quilombolas de Santa Catarina. *Revista Brasileira de Plantas Medicinais*, Campinas, 18 (1), pp.157-167.
<https://www.scielo.br/j/rbpm/a/9KJfhszR36jKDzHrNkBdLQB/?lang=pt&format=pdf>